

# Armadilhas suas: as “profecias” de Randolpho Lamonier

Maria do Carmo de Freitas Veneroso

*Departamento de Artes Plásticas, Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil;*

*E-mail: cacau\_freitas@yahoo.com.br*

## 1. Introdução

*A linguagem afastar-se-á do consenso, e exprimirá o desejo e a imaginação*

Abdul Varetti

Através do estabelecimento de diálogos com Boris Groys, que discute “quando e em que condições a arte parece estar mais viva”, e Michel Foucault, na sua abordagem de “espaços outros”, onde ele trata as utopias como alocações sem lugar real, será feito um recorte na obra de Randolpho Lamonier, que se insere em uma vertente da arte brasileira formada por artistas tais como Arthur Bispo do Rosário e Leonilson, que exploram as relações entre palavra e imagem, através do uso do bordado e de estandartes como meios expressivos. Também uma aproximação entre os trabalhos de Lamonier e do artista português Álvaro Lapa será explorada, tratando do tema das “profecias” na obra de ambos.

## 2. A trajetória artística de Randolpho Lamonier

Randolpho Lamonier nasceu em Minas Gerais, Brasil, em uma família de operários, na cidade de Coronel Fabriciano e viveu sua infância e adolescência em Contagem. É a partir dos contrastes entre o ambiente industrial da periferia de Contagem, e grandes centros urbanos, que o artista desenvolve suas poéticas, utilizando o paradoxo como recurso expressivo. Originário da periferia urbana, com suas privações e sensação de vulnerabilidade, ele começou a ter acesso ao circuito da arte a partir de 2012, quando transferiu-se para Belo Horizonte, capital do estado, tendo ingressado na Escola de Belas Artes da UFMG para cursar Artes Visuais. Começou sua produção artística pintando composições abstratas e posteriormente aspectos políticos e sociais passaram a integrar sua poética, com a incorporação, também, de vários materiais, entre eles o tecido, que tem sido usado em suas obras mais recentes. No trabalho com costura e bordado em tecido, ele aponta sua mãe como a principal referência: “Ela trabalhava costurando bancos de carros, e agora que se aposentou, nós temos feito coisas juntos” (Como citado por Siquara, 2019). Através de diversas linguagens e mídias, Randolpho trata de questões identitárias, no nível individual e coletivo, tais como o papel das mulheres, dos negros, dos índios e da população LGBT, na sociedade, focalizando ainda o déficit de habitação, e a exploração do trabalhador, através de uma abordagem micro-política. Ele atua nos problemas da sociedade, entrando dentro do próprio sistema para desconstruí-lo, estratégia usada nas suas “Profecias”, série que será abordada nesse texto, na qual ele apresenta, em um horizonte utópico, previsões do futuro que tocam nas questões citadas acima.

### 3. As “Profecias” de Lamonier

Profecia, latim cristão *prophetia*, do grego *prophethéia* ‘predição, profecia, dom da profecia, explicação dos livros sagrados pela inspiração do Espírito Santo’, é um relato, religioso ou não, no qual se afirma prever acontecimentos futuros. É assim que Randolpho Lamonier, através de suas “profecias”, anuncia um futuro utópico, no qual desigualdades são dissolvidas, e acontecimentos idealizados e improváveis se tornam realidade.

O trabalho desenvolvido por Lamonier, envolvendo palavras e imagens através de costura e bordado em tecido, remete diretamente a uma linhagem de artistas brasileiros formada, entre outros, por Arthur Bispo do Rosário e Leonilson. Porém, enquanto os trabalhos desses artistas podem ser considerados “textos de fronteira”, quando Bispo trabalha no limite entre a saúde e a doença mental, e Leonilson reflete sua luta contra a AIDS nas suas obras, Randolpho Lamonier utiliza esse meio, da costura e do bordado de palavras e imagens, para discutir temas atuais e urgentes do nosso tempo, por um viés político e ativista.

Pode-se considerar os contextos em que Leonilson e Lamonier nasceram e cresceram como determinantes na sua produção artística. Leonilson fez parte da chamada Geração 80, e começou pintando grandes telas, em trabalhos próximos da linguagem *pop*. Durante sua juventude, o Brasil atravessava um clima de euforia, associada ao momento político em que o país se encontrava: o fim da ditadura militar, a abertura política e as Diretas Já, com os jovens nas ruas em grandes manifestações, gerando um clima de otimismo.

Já os anos finais de Leonilson foram marcados por uma sensação de sobrevivência, provocada pela descoberta da AIDS. Nesse período, ele passou a utilizar cada vez mais palavras e imagens bordadas em tecidos, produzindo um trabalho íntimo e confessional, um diário pessoal, onde a ambiguidade está presente em suas frases – “São tantas as verdades” – e nas palavras soltas: puros e duros – ouro de artista – ilusões (Figura 1).



**Figura 1** – Leonilson. *Puros e duros*, 1991. Bordado e pedras sobre voile, 24 × 20 cm.

A obra de Bispo é marcada pelo delírio – “Eu preciso dessas palavras. escrita” (Figura 2). O corpo está presente em suas obras assim como está presente na obra de Leonilson.





**Figura 3** – Randolph Lamonier. *Da série Profecias. Guerreirxs Guarani Kaiowá vencem luta por sua terra ancestral* – 2034. 2018, bordado, colagem e costura em tecido, 155 x 185 cm.

Michel Foucault (2013), no seu conhecido texto, “De espaços outros”, onde ele discute o espaço em que vivemos, aborda as utopias como alocações sem lugar real. Assim, “são as alocações que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou invertida. É a própria sociedade aperfeiçoada, ou é o inverso da sociedade; mas, de toda forma, essas utopias são espaços fundamentalmente, essencialmente, irreais” (Foucault, 2013, p. 115), não assumindo um lugar concreto. É o que pode ser percebido nas obras de Lamonier, quando o artista apresenta soluções utópicas para problemas reais, através do paradoxo. Boris Groys vê a arte contemporânea como “local de revelação do paradoxo que administra o equilíbrio de poder”, e considera que “a maior dificuldade de lidar com a arte moderna é nossa relutância em aceitar interpretações paradoxais e auto-contraditórias como adequadas e verdadeiras” (Groys, 2015, p. 15). O autor vai mais longe, ao afirmar que “na realidade, ser um objeto paradoxo é exigência normativa implícita na execução de qualquer obra de arte contemporânea” (Groys, 2015, p. 24), e ele continua

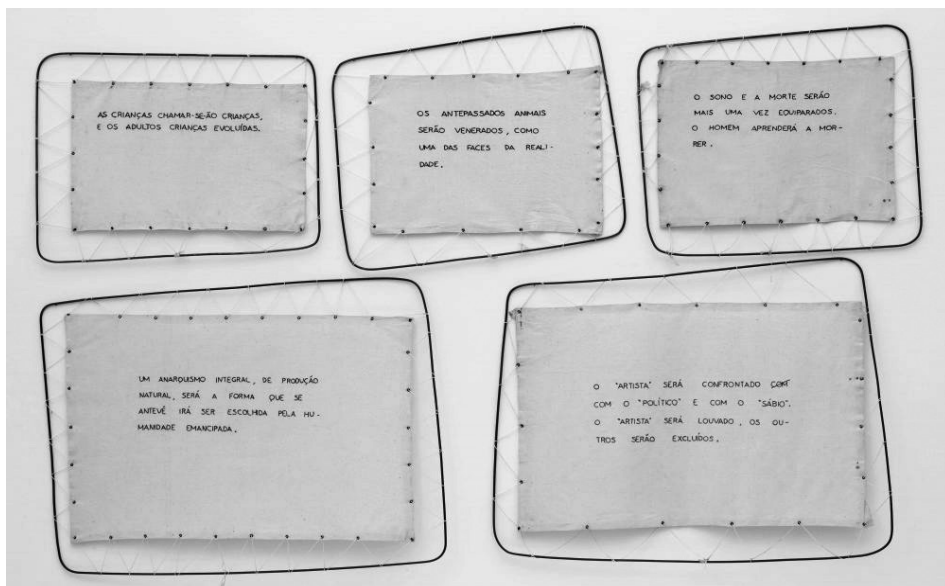
A arte contemporânea é excesso de gosto, inclusive de gosto pluralista, excesso de igualdade democrática. Esse excesso tanto estabiliza quanto desestabiliza o equilíbrio democrático do gosto e do poder ao mesmo tempo. Na realidade, esse paradoxo é o que caracteriza a arte contemporânea na sua totalidade. (Groys, 2008, p. 14).

Assim, de diferentes maneiras, artistas contemporâneos exploram relações paradoxais, materializando tese e antítese.

Também o artista e escritor português Álvaro Lapa, tal qual Lamonier, assume o lugar do profeta, transcendendo o seu tempo, sem deixar de falar dele. Assim, é através de uma ideia difusa de atemporalidade, que suas obras são construídas. Miguel von Hafe Pérez, curador da retrospectiva da obra de Álvaro Lapa, *No Tempo Todo*, realizada no Museu de Serralves, afirma que o artista foi aquele que “melhor refletiu a esquizofrenia de um país no estertor da ditadura e que viria a viver a energia libertária da revolução. Poucos, como

ele, conseguiram tão rapidamente identificar o quanto essa utopia estava a ser dilacerada” (Como citado em Marmeleira, 2018).

Uma das obras de Álvaro Lapa, “As profecias de Abdul Varetti, escritor falhado” (Figura 4), é um conjunto de painéis em lona de cor crua, presos a simples estruturas de ferro, nos quais o artista bordou um conjunto de aforismos e ditados que proclamam novos modos de vida e de experiência.



**Figura 4** – Álvaro Lapa. *As profecias de Abdul Varetti, escritor falhado*. 1972, bordado sobre tecido, estrutura metálica.

“Há neste trabalho uma afirmação absolutamente luminosa do que seria uma sociedade utópica”, considera Miguel von Hafe Pérez, “em que há uma espécie de equiparação do humano e do natural, algo que em termos sociais surge como um igualitarismo vital” (Como citado em Marmeleira, 2018). Essa série, de cerca de 1972, apresenta um momento ímpar e marcante na obra do artista, tanto pelo afastamento da pintura, e pelo uso de materiais “pobres”, quanto, e, principalmente, pela introdução de um elemento que, a partir daí, continuará a povoar seu trabalho: a linguagem escrita. Hafe Pérez pontua que “o fato de atribuir a autoria a Abdul Varetti não funciona em termos de heteronomia. É uma personagem que lhe aparece entre o sonho e a realidade e que tem a ver com essa visão utópica, solar da realidade” (Como citado por Marmeleira, 2018). Tal qual Randolpho Lamonier, Lapa também pratica o engajamento político. Porém, nas suas profecias, sua abordagem é mais fluida e subjetiva. Ao tratar da temática religiosa, por exemplo, Lapa profetiza que:

AS RELIGIÕES SERÃO  
DESCONSIDERADAS. A EXPERI-  
ÊNCIA MÍSTICA SERÁ RE-  
CONHECIDA, E UM FATO  
COMUNICÁVEL.

Já Arthur Bispo do Rosário se via como um mensageiro de Deus, que teria vindo do céu com a missão de refazer o mundo para apresentá-lo a Ele no dia da passagem. Bispo confecciona o “Manto da Apresentação” (Figura 5), com o qual pretende ser apresentado a Deus, no dia da “passagem”. O manto foi bordado durante toda a sua vida, no lado direito e no avesso, acumulando palavras, números e objetos, que fazem parte do seu universo. Traz também ornamentos, como franjas, galões e pingentes, que o aproximam de um traje de gala, uma farda.



**Figura 5** – Arthur Bispo do Rosário. *Manto da Apresentação*. Bordado sobre tecido.

Tocando na temática religiosa (Figura 6), Randolpho Lamonier anuncia:

EXÉRCITO  
QUEER  
INCENDEIA IGREJAS  
E INAUGURA O ESTADO  
LAICO NO BRASIL  
2028



**Figura 6** – Randolpho Lamonier. Vista da exposição *MitoMotim*, Associação Cultural VídeoBrasil. Obras da série *Profecias*. *Guerreirxs Guarani Kaiowá vencem luta por sua terra ancestral – 2034* e *Exército Queer incendeia igrejas e inaugura o estado laico no Brasil – 2028*. 2018, bordado, colagem e costura em tecido, 155 x 185 cm cada uma.

Essa e outras “Profecias” de Lamonier foram expostas no Museu de Arte do Rio (MAR), na mostra ‘Arte democracia utopia – Quem não luta tá morto’ (inaugurada em 15/10/2018, com curadoria de Moacir dos Anjos), que reuniu mais de sessenta obras com teor político. Essa exposição teve ampla repercussão, e reações, algumas vezes negativas, por tratar de questões religiosas, como no estandarte de Lamonier, em um país profundamente religioso, como o Brasil.

Algumas profecias de Lamonier, como a citada acima, sugerem que, muitas vezes, os métodos usados para atingir certos objetivos podem incluir a violência. É nesse sentido que seus estandartes bordados podem ser considerados, também, como armadilhas visuais: o espectador se aproxima, atraído pelas cores vivas e formas atraentes e só então tem acesso às mensagens veiculadas. A obra EXÉRCITO QUEER INCENDEIA IGREJAS E INAUGURA O ESTADO LAICO NO BRASIL 2028 lança mão de uma linguagem que se aproxima dos quadrinhos, com o uso de recursos como o balão, para veicular uma mensagem política, com referência a atos de violência, através da representação de uma metralhadora e de uma granada.

O Brasil é um estado laico, como declara a Constituição Federal de 1988, onde se lê que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”, declarando que a igualdade entre todo cidadão deve ser vista de forma universal, e que não será uma diferença de crença ou de religião que permitirá que as pessoas não sejam vistas de maneira igualitária perante o Estado. Apesar de deixar claro que o Brasil é um país declaradamente laico, há discussões sobre se, na prática, a laicidade estatal é de fato aplicada, ou seja, se o que está escrito no nosso texto constitucional sobre o assunto acaba sendo refletido (ou não) na vida cotidiana. São exemplos disso, o fato do preâmbulo da CF/88 mencionar a “proteção de Deus”, assim como as cédulas nacionais, e uma série de outras situações em que referências à religião não apontam para um estado realmente laico. Ainda assim, o STF entendeu que o país é sim, um estado laico. Toda essa discussão está refletida na obra de Lamonier, que sugere que o país ainda não pode ser considerado um estado laico, e, que, na sua opinião, isso só será alcançado, de fato, no futuro.

As referências a problemas políticos e sociais, atuais, do Brasil têm servido de motivação para vários artistas e isso pode ser constatado na exposição já citada, ‘Arte democracia utopia – Quem não luta tá morto’. O eixo conceitual da exposição, arte – utopia – luta, é sintetizado na pintura de Gustavo Speridião que anuncia em grandes letras vermelhas, manuscritas: “Amanhã manifestação”, apontando para o futuro (“amanhã”) através de uma ação (“manifestação”), e para a possibilidade de mudança. Essa obra remete aos cartazes de rua usados nas manifestações que vem ocorrendo no país nos últimos anos, e principalmente às chamadas “Jornadas de junho”, movimento que ocorreu em 2013 e que teve como motivação inicial a contestação dos aumentos nas tarifas de transporte público e posteriormente passou a defender outras questões, de cunho político, tendo levado multidões às ruas.

A maior parte das obras mostradas na exposição foi produzida a partir de 2015, representando o interesse dos artistas jovens por questões políticas. São apresentadas também obras elaboradas durante a vigência da ditadura militar no Brasil, referendo-se principalmente ao período compreendido entre o fim dos anos 1960 e início dos anos 1970, uma

época nebulosa para a democracia no país. O diálogo entre essas obras, atuais e de um passado recente, aponta para o papel da utopia e da luta nesses dois momentos. O curador da mostra, Moacir dos Anjos, acredita, porém, que em termos artísticos há uma diferença marcante entre a produção artística desses dois períodos

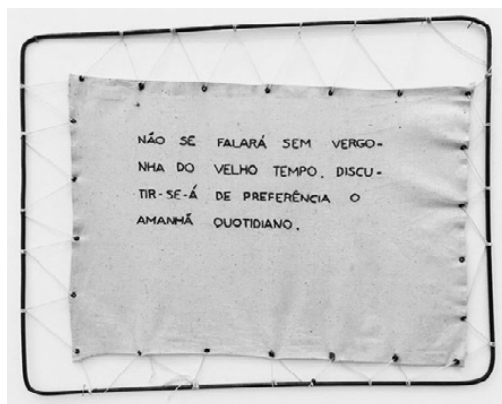
Hoje, vemos a primeira geração de artistas brasileiros na qual a política está disputando hegemonia na representação do país. Porque a política sempre foi presente na arte brasileira, mas de forma periférica. Nesta geração de hoje, a desigualdade, as violências que muitas vezes ficaram recalçadas vieram à tona de maneira muito forte. Esses artistas parecem estar respondendo a este nosso momento político. (Como citado por Lichote, 2018).

Nota-se que o momento atual é de muita polarização, no Brasil. Isso pode ser constatado, por exemplo, a partir de reações conservadoras a exposições como “Queermuseu” e a obras como “La bête”, de Wagner Schwartz, mostrando que a arte é um espaço de discussão política, o que demonstra que ela ainda tem o poder de provocar.

A exposição ‘Arte democracia utopia – Quem não luta tá morto’ mostra também a diversidade de pautas levantadas na sociedade brasileira hoje, como, o racismo, que aparece, entre outros, no trabalho de Paulo Nazareth, a questão indígena, que está na obra de Maria Thereza Alves e de Randolpho Lamonier, que também veicula a discussão de gênero em obras como as “Profecias”.

Voltando à aproximação entre as profecias de Lapa e de Lamonier, será abordada, a seguir, a maneira como os dois artistas se relacionam com o presente e o futuro. Ao comparar esses dois momentos, a época atual e o futuro, eles demonstram otimismo com relação ao que está por vir. Álvaro Lapa (Fig. 7) afirma que:

NÃO SE FALARÁ SEM VERGONHA DO VELHO TEMPO. DISCUTIR-SE-Á DE PREFERÊNCIA O AMANHÃ COTIDIANO.



**Figura 7** – Álvaro Lapa. *As profecias de Abdul Varetti, escritor falhado*. 1972, bordado sobre tecido, estrutura metálica.



Já Randolpho Lamonier (Figura 8 e 9) prevê que:

TOMA POSSE  
PRIMEIRA  
PRESIDENTA NEGRA DO  
BRASIL  
2027

E ainda:

EM 2050  
DESCOBRIMOS:  
BRASIL É  
AMÉRICA  
LATINA!



**Figura 8** – Randolpho Lamonier. Da série *Profecias*. *Toma posse primeira presidenta negra do Brasil – 2027*. 2018, bordado, colagem e costura em tecido, 155 x 185 cm.



**Figura 9** – Randolpho Lamonier. Da série *Profecias*. *Em 2050 descobrimos: Brasil é América Latina!* 2018, bordado, colagem e costura em tecido, 155 x 185 cm.

Leonilson demonstra desesperança no futuro, ao aceitar que:

LEO NÃO CONSEGUE MUDAR O MUNDO, ABISMO, LUZES

Trata-se da pintura de um coração, do qual partem duas ramificações: “incorformado, solitário”. Ou ainda Pescador de pérolas Ruínas Templos (Figura 10)



**Figura 10** – Leonilson. *O Pescador de pérolas*. 1991, bordado sobre voile, 36 x 30 cm.

Novamente fica clara a abordagem intimista e confessional de Leonilson, enquanto Lapa e Lamonier tratam de questões mais amplas, coletivas, atingindo a sociedade como um todo. O mesmo ocorre na abordagem de problemas vinculados à moradia. Enquanto Lapa (Figura 11) tem uma postura mais individualista

A CASA, LUGAR DE REPOUSO,  
SERÁ INDIVIDUAL E PESSOAL.  
AS ACTIVIDADES DE RELAÇÃO  
SERÃO CONSAGRADAS COMO  
TAIS, PÚBLICAS E TRIBAIS



**Figura 11** – Álvaro Lapa. *As profecias de Abdul Varetti, escritor falhado*. 1972, bordado sobre tecido, estrutura metálica.

Lamonier (Figura 12) demonstra preocupação com o direito de todos à terra:

MST  
SAI EM CRUZADA  
NACIONAL E FAZ A  
REFORMA  
AGRÁRIA  
COM AS PRÓPRIAS MÃOS  
2021



**Figura 12** – Randolpho Lamonier. *Da série Profecias. MST sai em cruzada nacional e faz a reforma agrária com as próprias mãos – 2021.* 2018, bordado, colagem e costura em tecido, 155 x 185 cm.

(Figura 13) Ao aproximar as obras desses artistas, nota-se que existem alguns pontos que os aproximam e outros que os afastam. Enquanto Lamonier pratica uma arte ativista, panfletária, com viés ideológico, Lapa se coloca como um artista sonhador, enquanto Leonilson adota uma atitude intimista, auto-biográfica.



**Figura 13** – Randolpho Lamonier. *Mapa das rebeliões dos operários da indústria. Cidade Industrial – Contagem – 2023.* 2018, bordado, colagem e costura em tecido, 155 x 185 cm. Álvaro Lapa. *As profecias de Abdul Varetti, escritor falhado.* 1972, bordado sobre tecido, estrutura metálica. Leonilson. *O Zig-zag.* 1991, bordado e pedras sobre tecido, 33 x 22 cm.

## Conclusão

Concluindo, pode-se notar que Randolpho Lamonier, como outros artistas contemporâneos, quer “refletir sobre sua própria identidade cultural, expressar seus desejos individuais” mas, antes de tudo, quer se mostrar verdadeiramente vivo e real (Groys, 2008, p. 38). Assim, discutindo assuntos que afetam toda a sociedade e tomando uma posição ideológica clara, ele mostra que a arte ainda tem o poder de provocar, através do engajamento na realidade política e social.

## Referências

- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)
- Foucault, M. (2013). De espaços outros. *Estudos Avançados*, USP, 27(79), pp. 113-122.
- Groys, B. (2015). *Arte, Poder* (1a ed.). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Veneroso, M. C. F. (2012). *Caligrafias e Escrituras* (1ª ed.). Belo Horizonte: C/Arte.
- Marmeleira, J. (2018, Fevereiro 8). Álvaro Lapa: entre a escuridão e a luz. Recuperado de <http://www.publico.pt/2018/02/08/culturaipsilon/noticia/pintar-e-amar-de-novo-1802026>
- Lichote, L. (2018, Setembro 15). Mostra no Museu de Arte do Rio reflete efervescência do país. *O Globo*. Recuperado de <http://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/mostra-no-museu-de-arte-do-rio-reflete-efervescencia-do-pais-23070217>
- Siquara, C. A. (2019, Março 6). Randolpho Lamonier amplia seu raio de ação no cenário das artes visuais. *O Tempo*. Recuperado de <http://www.otempo.com.br/o-tempo-contagem/randolpho-lamonier-amplia-seu-raio-de-a%C3%A7%C3%A3o-no-cen%C3%A1rio-das-artes-visuais-1.2145410>